

➤ **O aspecto social presente em Vozes anoitecidas, particularmente, no conto: A fogueira de Mia Couto.**

Profa. Luciene Maria Miquelon Nascimento SME

“O que mais dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes.”¹ (Mia Couto).

Segundo o crítico norte-americano Northrop Frye, “na literatura o ser humano é espectador da sua própria vida, ou, ao menos, daquela visão mais ampla dentro da qual a sua vida é contida”². Tal afirmação é exemplificada – como veremos no decorrer da presente comunicação - na obra de Mia Couto, o qual elabora uma organização humano-social adequada a determinados lugares e respectivos cotidianos, refletindo vivências e particularismos de uma maneira bem peculiar.

A fisionomia africana com personalidade moçambicana destaca-se como capítulo cultural importante na história literária universal. Podendo ser detectada através dos símbolos, dos desfechos, reações e codificações de um fatalismo místico, ritualista, que embora seja de aparência imaginada é extraída da própria vida.

Depois de muitos anos de guerra pela independência, os moçambicanos haviam perdido a capacidade de amar e imaginar. Como o próprio Mia Couto diz: “...quem imagina é porque não se conforma com o real estado da realidade”³. Daí a necessidade de voar longe na imaginação, libertando-se, assim, da memória da guerra. Conforme Carmen Lúcia Tindó menciona, ele transporta para sua obra um modo novo de pensar a linguagem, a história de seu país e do mundo, como também os sentimentos e as emoções universais do ser humano.

Fazendo um breve percurso na biografia de Mia Couto, observamos que ele foi registrado como António Emílio Leite Couto, nasceu em 5 de julho de 1955, na Beira, em Moçambique. Conviveu com pretos e mestiços, com os quais teve oportunidade de uma intensa troca, a qual foi de relevante importância para sua formação.

Em 1972, foi estudar Medicina em Lourenço Marques; ligou-se à FRELIMO, em 1973. Abandonou a Medicina em 1974, dedicando-se ao jornalismo, como seu pai. Dirigiu a Agência de Informação de Moçambique, a revista Tempo e o jornal Notícias, de Maputo. Em 1983, publicou o livro de poemas Raiz de orvalho, logo a seguir recolheu temas para contos, tornando-se um excelente contista.

Concomitantemente à atividade de escritor, Mia Couto exerce diversas outras, posto que em Moçambique, os escritores não podem viver somente de livros. Trabalha como biólogo, leciona Biologia, faz parte de um grupo teatral moçambicano, colabora para a Televisão de Moçambique e para alguns jornais.

Publicou diversos contos, dentre eles, um que narra os tempos da guerra de desestabilização: *Vozes Anoitecidas* (1986), o qual terá como objeto de análise da presente comunicação o conto *A Fogueira*. Nesse conto, reveladoras imagens de seus personagens deserdados são narradas de uma maneira fantástica questionando-se a fronteira entre a vida e a morte. Os africanos não encaram a morte com sofrimento, pois é apenas uma transição, uma passagem; acreditam na imortalidade da alma e exercitam o mediunismo, que são as práticas do Africanismo.

No início da narrativa, são apontados os pertences da velha senhora: “A velha estava sentada na esteira .../ A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão.” 4(p.23). Tão pouco quanto possuía o restante da população; denuncia-se, deste modo, a miséria presente na localidade, principalmente naquele momento de guerra.

A solidão sobressaltava: “Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho./ O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.”5 (p.23). Provavelmente, em busca da liberdade, do afastamento da opressão dos colonizadores.

O velho, como dizia sua mulher, estava diminuindo, assim como tentavam fazer com os colonizados, subestimando-os. Sua alma seguia pelo mesmo caminho, cada vez mais mesquinha e egoísta, similar a dos colonizadores. Como observa-se no exemplo da página 23: “Meu marido está diminuir, pensou ela. É uma sombra./ Sombra, sim.. Mas só da alma porque o corpo quase que não tinha.”6

Possivelmente, desolado pelo cansaço, pela pobreza, o velho demonstra uma total perda de ética ao propor à sua mulher que cavasse a própria sepultura: “É melhor começar já a abrir a tua cova, mulher.”7 (p.24)

Incrivelmente, dançando conforme a música que lhe toca, mudando de identidade numa privação de memória: “A mulher, comovida, sorriu: / - Como és bom marido! Tive sorte no homem da minha vida.”8 (p.24). A submissão em destaque aniquila os conceitos de certo e de errado. Ela aceitou devido a sua baixa estima, o seu desalento diante de tanta solidão.

Entretanto, nota-se um resquício de sensatez ao mencionar que: “...deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:/ - Mas, marido... / - Diz lá. /

-Eu nem estou doente.”9 (pp.24-25). Ela, metáfora do povo africano, tenta buscar a identidade perdida em meio aos fantasmas antigos incutidos na memória propagada por séculos de opressão.

No dia seguinte, o marido: “...olhava-a intensamente. / - Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.”10 (p.25). Ela era “grande”, tinha que reagir; porém, continuava na submissão: “- Nada, sou pequena.”11 (p.25). Tendo um instante de lucidez, a velha acrescenta: “- Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.”12 (p.25). O que leva a suspeitar que ela realmente não queria morrer.

As chuvas surgiram quase que ao término do serviço incessante do velho:

Durante duas semanas o velho dedicou-se buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campa ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.13 (p.25).

Todavia, nem toda aquela chuva fazia com que o velho parasse o seu trabalho: “Ali mesmo decidi continuar. Molhado, sob o rio da chuva, o velho descia e subia, levantando cada vez mais gemidos e menos terra.” 14 (p.26). A consequência foi a chegada da febre, porém insistia em dizer: “...dormi perto da fogueira.”15 (p.26). A fogueira inexistente, a fogueira da imaginação. Paralelamente, reportamo-nos ao bombardear das armas em punho, o fogo a queimar a pela desnuda/ revelada dos guerreiros em busca de liberdade.

Os moçambicanos, bem como os demais africanos, encaram a morte com naturalidade: “Neste deserto solitário, a morte é um simples deslizar, um recolher de asas.

Não é um rasgão violento como nos lugares onde a vida brilha.”¹⁶ (p.27)

Na página 27, o velho dirige-se a sua mulher: “- Não posso deixar aquela campã sem proveito. Tenho que matar-te.” ¹⁷ – exemplifica o que Angius afirma a respeito de um: “ Moçambique destruído, (...) a morrer e a matar para sobreviver, mas sempre capaz de sonhar pássaros de libertação com paciência secular.” ¹⁸

O cultivo da esperança se faz através dos sonhos, como diz a professora Carmen Lucia Tindó. O narrador nos conta que a velha:

Sonhou dali para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, (...) Estavam ali os todos, os filhos e o netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho.¹⁹(p.28)

Finalmente, a cova seria utilizada, não pela velha, mas sim por seu marido: “... ele estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.”²⁰ (p.29). A vitória dos fracos sobre os fortes encerra mais um capítulo triste desse sofrimento, porém com expectativas de um (re)nascer no desejo de libertar-se totalmente.

Notas

1 In Texto de abertura do livro de contos *Vozes Anoitecidas*, p.19.

2 “In literature man is a spectator of his own life, or at least of the larger vision in which his life is contained.

In *The Critical Path*, Indiana University Press, Bloomington, 1971, p. 129.

3 In COUTO, 1991, p. 21.

4 ao 17, 19 e 20 In COUTO, 1987.

18 In ANGIUS e ANGIUS 1998, p. 29.

Referência Bibliográfica COUTO, Mia. *Vozes Anoitecidas*. Lisboa: Caminho, 1987.

_____. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991.

HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária, II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.

AMORIM, Deolindo. *Africanismo e espiritismo*. v. IV. Rio de Janeiro: Edições CELD, 1993.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa (orgs.). *África & Brasil: Letras em Laços*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.